



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

A SITUAÇÃO JUVENIL NA AGRICULTURA FAMILIAR: elementos para uma interpretação sociológica da construção de projetos profissionais por jovens agricultores familiares

Nilson Weisheimer

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

weisheimer@pq.cnpq.br

Este trabalho aborda o tema da reprodução social da agricultura familiar através de um enfoque geracional juvenil. Seu objetivo é analisar a percepção dos jovens sobre sua participação nas dinâmicas produtivas e reprodutivas da agricultura familiar, buscando deste modo, os elementos que possibilitem explicar a construção de seus projetos profissionais. Com isto, busca-se pôr em evidência a construção social dos jovens agricultores familiares e de suas disposições em reproduzir o processo de trabalho familiar agrícola.

Entre as motivações deste estudo destaca-se o enfrentamento da invisibilidade social dos diversos jovens que vivem no meio rural e em particular os que se encontram na agricultura familiar. Esta invisibilidade se processa pela produção de determinado olhar que nega a existência do outro. Isto implica em negação do direito básico de ter tratamento e oportunidades iguais e, neste caso, a negação do próprio direito ao reconhecimento e à identidade.

Para superar a situação de invisibilidade não basta desenvolver estudos que tenham nos jovens os sujeitos investigados. É preciso antes problematizar a própria construção do objeto, ou seja, as relações sociais nas quais se inserem os jovens e que fazem da própria categoria juventude uma construção social em disputa. Com efeito, fazem-se necessários não apenas uma teoria sobre a juventude e outra sobre os processos sociais agrários, mas também um construto teórico que sintetize a complexidade da suas mútuas implicações.

Os jovens agricultores familiares constituem uma categoria social específica devido à sua socialização no processo de trabalho familiar agrícola. Como eles são membros de uma unidade doméstica que também atua como unidade de produção agrícola, predomina a instituição de saberes, normas e valores do universo da família e do processo de trabalho que esta realiza. Com efeito, a socialização realizada neste contexto produz a incorporação de saberes específicos associada à configuração de



identidades sociais e profissionais ligadas à agricultura. Diferentemente de outros jovens, sua identidade social se constrói em relação ao trabalho familiar agrícola, o que produz os dilemas e as características diferenciados de sua situação juvenil.

Cumprir citar que o projeto profissional, tomado como indicador da disposição para reprodução do trabalho familiar agrícola, aparece como resultado de um esforço de reflexividade dos jovens em estabelecer objetivos de inserção no mundo do trabalho. Entretanto, isto não ocorre apenas no âmbito das escolhas pessoais, resulta do balanço entre as experiências adquiridas da trajetória dos jovens e do campo de possibilidades, que atua como condicionante estrutural sobre os seus projetos (VELHO, 2003). Com base nisto, se reconhece que os projetos formulados por eles resultam da interação de múltiplos fatores associados a uma situação juvenil concreta e particular. Para dar consequência a uma perspectiva relacional na interpretação da construção dos projetos dos jovens agricultores familiares são analisadas as interações que se estabelecem entre diferentes dimensões analíticas da situação juvenil com base em dois procedimentos: um típico da estatística descritiva e outra referente à análise multivariada de dados qualitativos, o que é descrito a seguir.

O método de pesquisa

A *situação juvenil* diz respeito aos diversos percursos experimentados pela condição juvenil, ou seja, traduz as suas diversas configurações. Esta última categoria é utilizada então para referir-se aos variados processos empíricos, condições conjunturais e particularizadas das múltiplas juventudes. Esta se propondo um modelo descritivo da situação juvenil que inclui quatro dimensões analíticas: as condições materiais; os processos de socialização; as representações sociais e os projetos juvenis.

Quadro 1: Dimensões temáticas e tópicos da pesquisa

Dimensões temáticas	Tópicos
Condições Materiais	Estrutura Fundiária da UPF
	Renda familiar
	Condição de autonomia material
Processo de Socialização	No processo de trabalho familiar agrícola
	No sistema formal de ensino
	Nas práticas de lazer
Representações Sociais	Sobre o trabalho agrícola e não agrícola.
	Sobre o modo de vida dos pais.
	Auto-identificação



Projetos Juvenis	Projeto de escolarização
	Projeto profissional
	Projeto de vida

Fonte: Elaboração do Autor.

Cada uma das dimensões analíticas foi submetida a uma perspectiva comparativa por sexo e faixa etária, uma vez que estes são fatores que produzem situações juvenis diferenciadas dentro deste mesmo segmento social. Busca-se, com este modelo descritivo, realizar uma interpretação dialética que torna visível as relações entre condições objetivas e subjetivas, entre estruturas e processos de ação, contribuindo, simultaneamente, para construir e transformar o objeto.

Os procedimentos adotados na condução desta pesquisa correspondem aos propósitos de uma abordagem extensiva que visa assegurar condições de ampla representatividade e de capacidade inferencial dos dados. A partir de uma metodologia indutiva, típica das *survey*, recorreu-se ao exame de dados secundários e a aplicação de questionário padronizado.

A unidade de análise correspondente à categoria dos *jovens agricultores familiares* foi estabelecida, com base no Censo Demográfico 2000 do IBGE,¹ considerando-se os indivíduos na faixa de idade de 15 a 29 anos, por condição de ocupação na agricultura familiar. O cálculo para a definição do tamanho da amostra foi realizado inicialmente para todo o estado do Rio Grande do Sul. Ela foi dimensionada tendo por base 162.760² jovens de 15 a 29 anos ocupados na agricultura familiar no estado. Sobre este universo, aplicou-se a fórmula para cálculo de amostras infinitas definindo-se um intervalo de confiança de 95%; com admissão de erro amostral de até 3,2% pontos percentuais para mais ou para menos. Desta maneira, pode ser estabelecida uma amostra formada por 681 casos.

O planejamento amostral seguiu o método de amostragem polietápica (BISQUERA et al., 2004), ou seja, a combinação mista da amostra estratificada e por conglomerados seqüencialmente realizadas em dois estágios, sendo a primeira constituída de amostragem estratificada com controle de cotas por sexo e faixa etária e a segunda amostragem por conglomerados para cada mesoregião do Rio Grande do Sul.

As informações obtidas com o questionário padronizado foram digitadas em planilha do *software* SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*). Em cada uma dos

¹ IBGE (2000), CD Microdados, v. 15, RS.

² Fonte: IBGE. Censo Demográfico (2000).



tópicos do modelo descritivo da situação juvenil, foram realizados procedimentos típicos da estatística descritiva através de distribuição de frequências e cruzamento com as variáveis: *sexo* (homens e mulheres) e *faixa etária* (de 15 a 19 anos; 20 a 24 anos; 25 a 29 anos) e realizada análise de homogeneidade por meio de um método algébrico do tipo *Alternating Leaste Squares* conhecido por HOMALS. Este procedimento permitiu identificar as variáveis com maior poder de diferenciar os entrevistados segundo suas categorias de resposta e identificar as relações entre estas através de uma representação gráfica.

Condições materiais e projetos profissionais

Busca-se, agora, por em evidência como os projetos profissionais dos jovens agricultores familiares se constroem em relação às suas condições materiais. Pretende-se demonstrar que os recursos alocados pelos jovens estruturam suas disposições de reprodução do processo de trabalho familiar agrícola. Isso pode ser percebido, inicialmente, a partir da condição fundiária das famílias dos entrevistados e pelo grau de autonomia material desfrutado por estes na agricultura familiar.

O sentido de autonomia adotado corresponde “à condição de uma pessoa ou de uma coletividade cultural de determinar ela mesma a lei à qual se submete” (LALANDE, 1999, p. 115). Ou seja, o termo autonomia é utilizado para descrever situações onde o sujeito é capaz de especificar as suas próprias regras, ou orientar-se pelo que é adequado para ele. Ao acrescentarmos o termo material – autonomia material – pretende-se especificar o processo pelo qual a propriedade de recursos alocativos de ordem material permite a operação de ações auto-orientadas. Entre os jovens agricultores familiares, a autonomia material³ refere-se às condições que possibilitam aos jovens construir um espaço próprio no processo de trabalho familiar agrícola vindo obter e gerir uma renda própria.

³ Os indicadores de autonomia material foram obtidos solicitando-se aos entrevistados que respondessem *sim* ou *não* conforme a sua situação por ocasião da entrevista para um conjunto de sete assertivas. 1) *Desenvolvo atividade produtiva autônoma na unidade de produção familiar;*. 2) *Possuo bloco de produtor rural em meu nome;* 3) *Recebo remuneração em dinheiro por minha participação no trabalho familiar agrícola;* 4) *Tenho área de terra em meu nome;* 5) *Tenho conta corrente em meu nome;* 6) *Tenho conta poupança em meu nome;* 7) *Tenho financiamento em meu nome.* Para construir o índice sintético do grau de autonomia material os sete indicadores foram agrupados sem ponderação, considerando três categorias: (1) com respostas positivas para até dois indicadores (de 0 a 2) foram classificados como *baixa autonomia*; (2) com resposta positivas para três a quatro indicadores (de 3 a 4) foram classificados como *média autonomia*; (3) com resposta positivas para cinco ou mais indicadores (de 5 a 7) foram classificados como *alta autonomia*

Não deve causar estranhamento a escolha da condição fundiária como fator explicativo, visto que “o estatuto fundiário é central em toda a análise de funcionamento das unidades de produção” (LAMARCHE, 1998, p. 63). Como mencionado anteriormente, esta variável foi construída a partir da pergunta: *Sua família é proprietária da terra em que trabalha?* A intenção, aqui, é perceber como a propriedade da terra pela família do entrevistado relaciona-se com sua disposição em reproduzir o trabalho familiar agrícola, isto é, ser agricultor familiar no futuro. Isto é possível de ser verificado cruzando-se esta primeira questão com outra considerada como variável dependente: *Você pretende se estabelecer profissionalmente na agricultura?* Desta forma, obtemos a Tabela 01 que apresenta a relação entre condição fundiária da família e projeto profissional dos jovens.

Constata-se que entre proprietários e não-proprietários predomina a vontade de ser agricultor familiar. Contudo, esta informação precisa ser considerada tendo como referência a distribuição de resposta para a totalidade do contingente analisado. Desta forma, percebe-se que os entrevistados membros de famílias proprietárias apresentam um percentual praticamente igual ao registrado para a totalidade da amostra, enquanto que os jovens de famílias não proprietárias encontram-se cerca de dez pontos percentuais abaixo do índice de referência (Total). Disto resultam duas conclusões: a primeira é que os jovens projetam a condição de agricultores mesmo quando as famílias não possuem a propriedade fundiária; a segunda, derivada desta, é que esta disposição é menor entre os não proprietários do que entre os jovens cujas famílias dispõem da propriedade da terra em que trabalham.

Tabela 01: Relação entre projeto profissional e condição fundiária da família (em *f* e %)

		SUA FAMÍLIA É PROPRIETÁRIA DA TERRA EM QUE TRABALHA?			Total
		Sim	Não		
VOCÊ PRETENDE SE ESTABELECEER PROFISIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	388	43	431
		%	65,5%	55,8%	64,4%
	Não	f	204	34	238
		%	34,5%	44,2%	35,6%
Total		f	592	77	669
		%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS,2007.

A Tabela 02 traz os resultados do cruzamento entre grau de autonomia material e projeto profissional. Considerando que a autonomia material sintetiza os recursos alocativos que permitem aos jovens projetar suas possibilidades futuras, percebe-se que, mesmo em condições de baixa autonomia material, os jovens elaboram, principalmente, projetos profissionais agrícolas (54,3%), porém este índice fica abaixo do registrado para o total dos entrevistados (64,4%). Ao mesmo tempo, esses projetos tendem a ser mais frequentes em situações de maior autonomia material. Observa-se que entre os jovens que contam com um grau de média autonomia material 71,6% quer ser agricultor, o que sobe para 83,9% entre aqueles com alta autonomia material. Ou seja, este cruzamento demonstra que quanto maior for a autonomia material dos jovens agricultores, maior será a tendência destes elaborarem projetos profissionais que permitam a reprodução do trabalho familiar agrícola.

Tabela 02: Relação entre projeto profissional e grau de autonomia material (em f e %)

		Grau de Autonomia Material			Total	
		baixa autonomia	média autonomia	alta autonomia		
VOCÊ PRETENDE SE ESTABELECE	Sim	f	196	136	99	431
PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?		%	54,3%	71,6%	83,9%	64,4%
	Não	f	165	54	19	238
		%	45,7%	28,4%	16,1%	35,6%
Total		f	361	190	118	669
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

Conforme aponta Bourdieu (2008), as relações singulares entre uma variável independente e outra dependente, tende a dissimular o sistema completo de relações que “constituem o verdadeiro princípio da força e da forma específicas registrados em determinada correlação particular” (BOURDIEU, 2008, p. 98). Com efeito, para além das análises dos fatores vistos acima como unidades independentes, busca-se identificar, através da análise de homogeneidade (HOMALS), o sistema de relações que se estabelecem entre elas, acrescidas ainda das variáveis *sexo* e *faixa etária* dos entrevistados.

Chega-se, desta forma, à representação gráfica dos resultados da análise multivariada das relações entre os fatores selecionados da condição material, sexo, faixa etária e projetos profissionais. Conforme pode ser observado no Gráfico 01, há uma distribuição espacial que pode ser verificada, geometricamente, entre as categorias de

respostas das variáveis em consideração. A representação evidencia configurações muito bem definidas, refletindo a existência de dois grupos que se posicionam em relação aos projetos profissionais: a) os que não querem ser agricultores (1º quadrante) e; b) os que querem ser agricultores (2º quadrante). É possível observar que a negativa em ser agricultor aparece relacionada à “baixa autonomia” e à faixa de idade de “15 a 19 anos”. Por sua vez, próximo à resposta “sim” para a pergunta “*Você pretende se estabelecer profissionalmente na agricultura?*” encontram-se as categorias: “homem”, “média autonomia” e “sim” quanto à propriedade da terra. Um pouco abaixo, no 3º quadrante, próximo à resposta “sim” para ser agricultor, encontra-se a categorias “alta autonomia” e a faixa etária “de 25 a 29 anos”. Além destas configurações principais, é possível verificar uma relação entre autonomia material e faixa de idade. Também se destaca a posição das mulheres que se encontra em um espaço intermediário entre as respostas “sim” e “não” quanto a ser agricultor, estando um pouco mais próxima da segunda possibilidade. No 4º quadrante, encontram-se as categorias “mulher”, “não” proprietários e “baixa autonomia” material. Como resultado, conclui-se que a recusa em ser agricultor familiar está mais relacionado com a idade do entrevistado e com uma condição de baixa autonomia material, do que com outros fatores, como ser mulher, ou os seus pais não terem a propriedade da terra.

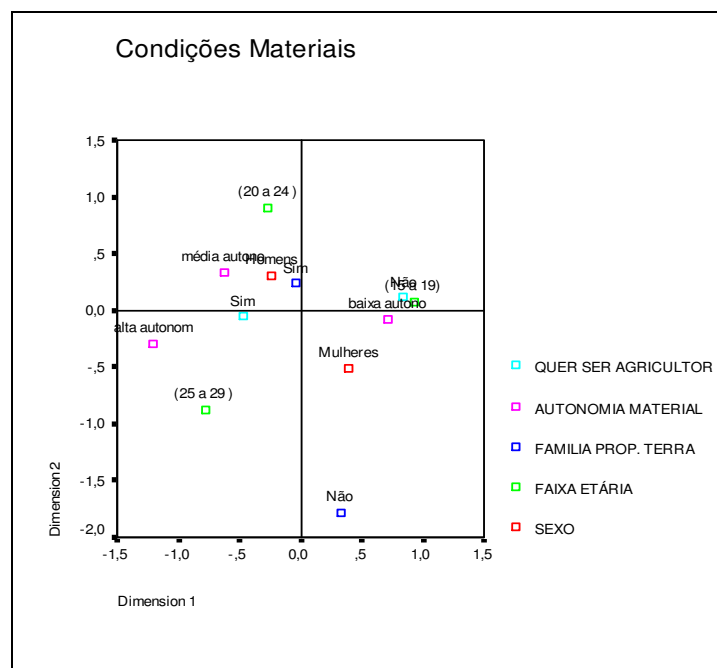


Gráfico 01: Representação das categorias de sexo, faixa etária, propriedade fundiária, autonomia material e projetos profissionais



Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

As informações apresentadas neste tópico demonstram a complexidade das relações que se estabelecem entre as condições materiais dos jovens agricultores familiares e a construção de seus projetos profissionais. Destaca-se que a propriedade fundiária por parte da família apreça com uma importância relativamente menor para a disposição de ser agricultor do que a autonomia material experimentada pelos jovens. Os dados apresentados na representação gráfica reforçam a informações obtidas através da análise dos cruzamentos entre variáveis. Em seu conjunto, estas evidências confirmam que quanto maior a autonomia material dos jovens agricultores familiares maior seria a tendência deles elaborarem projetos profissionais agrícolas.

Processos de socialização e projetos profissionais

Neste tópico, busca-se identificar as relações entre os processos de socialização que se efetivam através da participação juvenil no trabalho familiar agrícola e no ensino formal com os projetos profissionais elaborados pelos entrevistados.

O processo de socialização é um objeto sociológico por excelência. Trata-se de um processo socialmente estruturado de internalização dos valores e normas coletivas pelo indivíduo e, simultaneamente, de integração do indivíduo a sociedade ou a um setor desta. Ele também possui esta dimensão interacional, considerando-se a socialização como um processo de mão dupla, o que implica em interações que permitem processos reflexivos. As perspectivas interacionistas salientam a dinâmica das interações na aquisição de *know-how* e insistem no vínculo entre conhecimento de si e do outro, construção de si e construção do outro (MOLLO-BOUVIER, 2005, p. 393). Com efeito, a socialização é entendida como: “a ampla e consciente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou setor dela” (BERGER; LUCKMAN, 1973, p.175). Para eles, o processo de socialização, embora contínuo, pode ser percebido em dois momentos distintos. A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual se torna membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade, caracteriza-se pela incorporação de novos papéis sociais relacionados agora com uma inserção produtiva e desempenho de papéis específicos da divisão social do trabalho (BERGER; LUCKMAN, 1973, p. 175).

É necessário estabelecer certa mediação para pensar os processos de socialização entre os jovens agricultores familiares. Estes diferem dos de outros jovens por ocorrerem no âmbito do trabalho familiar agrícola, o que faz desaparecer a cisão entre socialização primária e secundária, ao menos enquanto a família permaneça como agente responsável também pela socialização secundária. A alternativa proposta é tentar, primeiramente, perceber a emergência de dispositivos e agências socializadoras concorrentes e não exclusivos e muitas vezes contraditórios entre si.

Inicia-se analisando que tipo de relação se estabelece entre a socialização no sistema formal de ensino e a disposição dos jovens de serem agricultores. Conforme a Tabela 03 verifica-se uma relação negativa entre condição de estudo e projeto agrícola, uma vez que prevalece, entre os jovens que estavam estudando, a recusa de ser agricultor (56,5%), índice que é bastante superior ao registrado para esta resposta entre o total de entrevistados. Em contrapartida, entre os que não estudavam na ocasião da entrevista, 72,5% afirma querer se estabelecer profissionalmente na agricultura familiar. Isto confirma o que foi identificado em outros estudos⁴ - ficam na atividade agrícola os jovens que não estão inseridos no sistema de ensino. Isto também confirmaria a opinião corrente entre os entrevistados que colocam estudos e trabalho agrícola como possibilidades dicotômicas.

Tabela 03: Relação entre projeto profissional e situação de estudo (em *f* e %)

		VOCÊ ESTA ESTUDANDO ATUALMENTE?			Total
		Sim	Não		
VOCÊ PRETENDE SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	81	350	431
		%	43,5%	72,5%	64,4%
	Não	f	105	133	238
		%	56,5%	27,5%	35,6%
Total	f	186	483	669	
	%	100,0%	100,0%	100,0%	

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

Sendo o estudo formal e o trabalho agrícola alternativas contrapostas nas praticas sociais dos entrevistados, podem ser esperados efeitos distintos de cada uma destas agências de socialização. Tudo indica que é este o caso. Conforme pode ser verificado na Tabela 04, quanto maior o a envolvimento com o trabalho familiar, maior será, também, a disposição do jovem de se estabelecer, profissionalmente, como

⁴ ABRAMOVAY, 1998; CARNEIRO, 1999; SILVERTRO, et al, 2001; BRUMER, 2003; WEISHEIMER, 2007, 2009.



agricultor. Isto pode ser evidenciado relacionando-se a jornada de trabalho diário na agricultura e a disposição de ser agricultor. Entre os jovens com menores jornadas diárias de trabalho, predominam projetos profissionais não-agrícolas.

Tabela 04: Cruzamento entre jornada diária de trabalho na UPF por projeto profissional (em *f* e %)

		JORNADA DIÁRIA DE TRABALHO NA UPF:						
		Até 4 hs	mais de 4 a 6 hs	Mais 6 a 8 hs	mais de 8 a 10 hs	mais de 10 hs	Total	
VOCÊ PRETENDE SE ESTABELECE	Sim	f	29	40	69	131	160	429
PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Não	f	48	45	52	50	42	237
		%	37,7%	47,1%	57,0%	72,4%	79,2%	64,4%
		%	62,3%	52,9%	43,0%	27,6%	20,8%	35,6%
Total		f	77	85	121	181	202	666
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

Entre os que desenvolvem jornadas de até quatro horas, predominam (62,3%) os que não pretendem ser agricultores; os jovens que trabalham até seis horas diárias 52,9% não querem permanecer nesta atividade. Na categoria com jornadas acima desta carga horária, verifica-se a ascensão de projetos profissionais agrícolas. Esses se tornam mais frequentes entre os jovens na medida em que se constata uma ampliação de sua jornada de trabalho, passando a 72,4% entre os que têm jornadas de oito a dez horas e chegando a representar 79,2% entre os jovens com a maior jornada de diária.

Isto demonstra a influência do uso do tempo na alocação de papéis-chaves – aquele aos quais se dá prioridade sobre outros papéis – estando este na base da internalização das disposições adquiridas ao longo dos processos de socialização. Desta maneira, entre os jovens com jornadas parciais com quatro horas diárias, pressupõe-se que as horas restantes sejam ocupadas por outras agências socializadoras, produzindo efeitos de incorporação de valores que embasam a busca por realizar projetos profissionais não-agrícolas. Por outro lado, o predomínio do uso do tempo em atividades agrícolas produz a internalização do *habitus* do trabalho familiar agrícola, fazendo com que eles só tendam a querer reproduzir este processo de trabalho (BOURDIEU, 2005).

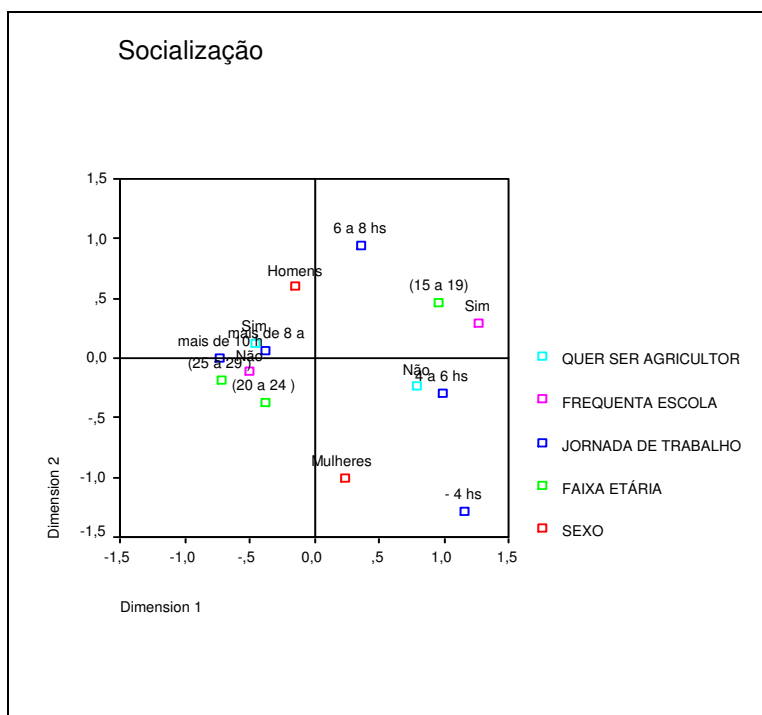


Gráfico 02: Representação das categorias de sexo, faixa etária, jornada de trabalho, frequência à escola e existência de projetos profissionais.

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

Com base na representação gráfica gerada através da HOMALS, pode-se ver que as respostas que indicam a disposição do jovem em ser agricultor familiar encontram-se em relação de proximidade com as categorias de jornada de trabalho “mais de oito a dez horas” e “mais de dez horas”, das faixas de idade “de 20 a 24 anos” e “de 25 a 29 anos” e “homens”. Por sua vez, a resposta “não” para questão *Você pretende se estabelecer profissionalmente na agricultura?* é acompanhada de perto pela categoria que se refere à jornada de trabalho “de quatro a seis horas” e “sim” para frequência à escola e à faixa etária “de 15 a 19 anos”. A categoria “mulher” encontra-se no 4º quadrante juntamente com as categorias “menos de quatro horas”, “de quatro a seis horas” e “não” pretende ser agricultor.

Estes resultados vêm colaborar com o entendimento de que a socialização é fundamental na construção dos projetos profissionais e que esta se encontra diferenciada sobretudo por critérios sexuais, mas também, por diferenças etárias. Com efeito, os jovens que não pretendem se estabelecer profissionalmente na agricultura são, principalmente, os com menor participação no trabalho familiar agrícola e maior frequência à escolarização formal, sendo estes, principalmente, os jovens adolescentes e do sexo feminino. Estes resultados revelem que quanto maior a socialização dos jovens



no processo de trabalho familiar agrícola mais frequente são os projetos profissionais que permitiriam a reprodução deste mesmo processo de trabalho.

Representações sociais e projetos profissionais

Nesta sessão, analisam-se as relações entre as representações dos jovens sobre o trabalho agrícola e o modo de vida de seus pais com os seus projetos profissionais. Como nas sessões anteriores deste tópico, apresentamos os cruzamentos entre variáveis e as relações entre suas categorias.

As representações sociais se constituem em um importante material para a pesquisa social. Sinteticamente, pode-se tomar o conceito de representação social como um conjunto de elementos simbólicos, socialmente construídos e compartilhados, que contribuem para a construção da realidade social e que devem ser compreendidos a partir dos contextos objetivos específicos de sua produção e reprodução. Conforme Stuart Hall (2003), as representações são entendidas como um sistema de signos, constituindo-se num construto social com dimensões materiais. Esta marca deve-se à reformulação do conceito original, que passa a ser uma expressão exterior dos indivíduos ou coletividades, podendo ser apreendido objetivamente. As representações são a forma de atribuição de sentido, por isto assumem forma material.

As representações dos jovens sobre o trabalho agrícola podem ser resumidas na pergunta “*O quanto você gosta do trabalho familiar agrícola?*”. A Tabela 05 apresenta o cruzamento das respostas a esta questão por outra que expressa o projeto profissional dos jovens entrevistados. Desta forma é possível demonstrar que avaliações sobre o trabalho e a disposição de reproduzi-lo apresentam uma relação positiva, isto é, quanto mais o jovem gosta do trabalho mais quer reproduzi-lo. Assim, entre os entrevistados que respondem que gosta muito, 86% pretendem se estabelecer na agricultura familiar; os que apresentam uma posição ambígua para com a resposta “mais ou menos” 50,3% não pretendem ser agricultores; os que respondem “*não gosto*” 96,6% não querem ser agricultores.

Tabela 05: Cruzamento entre representação sobre o trabalho agrícola e projeto profissional (em *f* e %)



		O QUANTO VOCÊ GOSTA DE TRABALHAR NA AGRICULTURA?				
			Mais ou			
		Gosto Muito	Memos	Não Gosto	Total	
VOCÊ PRETENDE SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	265	165	1	431
		%	86,0%	49,7%	3,4%	64,4%
	Não	f	43	167	28	238
		%	14,0%	50,3%	96,6%	35,6%
Total		f	308	332	29	669
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

A Tabela 06 apresenta a relação entre a avaliação dos jovens sobre o modo de vida dos pais e projeto profissional. De maneira geral, o cruzamento apresenta uma coerência entre esta avaliação e a disposição em reproduzir o trabalho agrícola. Entre os que avaliam como “ótimo” e “bom” o modo de vida dos pais, estão os que apresentam os maiores percentuais positivos quanto a ser agricultor respectivamente. Os demais entrevistados apresentam percentuais menores do que a média dos entrevistados para a pergunta *Você pretende se estabelecer profissionalmente como agricultor familiar?*. Destacam-se os que avaliam como “ruim” o modo de vida, dos quais 66,7% não querem permanecer na atividade dos pais.

Esta coerência entre representações e projetos - que é uma forma de representação do futuro - pode ser explicada porque ela opera como uma rede de significações que se tecem nas experiências cotidianas dos jovens, no trabalho agrícola e nos demais espaços de socialização, que são produto de condições estruturais, e ao mesmo tempo, agentes da estruturação de representações que lhes permitem e justificam o funcionamento. Assim, representações e projetos são resultados de um esquema de condicionamento cuja coerência é essencial para satisfação da lógica dos indivíduos. Com efeito, podemos perceber que estas representações orientam os projetos profissionais dos jovens agricultores. Tudo ocorre de tal modo que as representações positivas do trabalho e modo de vida dos pais tendem a ser, por forma da lógica das práticas sociais, acompanhada de disposições à reprodução deste trabalho agrícola e seu modo de vida.

Tabela 06: Cruzamento entre avaliação do modo de vida dos pais e projeto profissional (em *f* e *%*)



		COMO VOCÊ AVALIA O MODO DE VIDA DE SEUS PAIS?						
		Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo	Total	
VOCÊ PRETENDE SE ESTABELECEER PROFISSIONALMENTE COMO AGRICULTOR(A) FAMILIAR ?	Sim	f	96	224	99	6	5	430
		%	67,1%	65,9%	62,3%	33,3%	62,5%	64,4%
	Não	f	47	116	60	12	3	238
		%	32,9%	34,1%	37,7%	66,7%	37,5%	35,6%
Total		f	143	340	159	18	8	668
		%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

Por meio da análise de homogeneidade podem ser identificadas as formas de interação entre as categorias de resposta em análise nesta sessão, identificando alguns padrões em sua distribuição no espaço de relações. Conforme se observa no Gráfico 03, a propósito das categorias de projeção favorável ao trabalho agrícola “sim”, verifica-se nitidamente três tendências. Primeiramente, a mais forte delas, por conta da proximidade entre as categorias ocorre no 2º quadrante do plano gráfico, onde observa-se a proximidade das categorias “homem”, das representações positivas sobre o trabalho agrícola expressa na resposta “gosto muito” e das avaliações “bom” e “ótimo” sobre o modo de vida dos pais. Próximos a estas, já no 3º quadrante, estão idades de “20 a 24 anos” e “25 a 29 anos”. Estes, em seu conjunto, formam uma verdadeira “associação privilegiada de categorias” (CARVALHO, 2004) de modo que configuram um perfil de entrevistado que internalizou a disposição em reproduzir o processo de trabalho. Por sua vez, em oposição a este grupo, observa-se, no 1º quadrante, a proximidade entre as categorias de idade de “15 a 19 anos” com as respostas “não gosto” do trabalho agrícola, a avaliação como “ruim” o modo de vida dos pais e “não” pretende ser estabelecer na agricultura familiar. Por sua vez, a categoria “mulher” se apresenta em uma posição intermediária entre o “sim” e o “não” quanto a ser agricultor e encontra-se no 4º quadrante com as categorias ambíguas sobre o trabalho agrícola e modo de vida dos pais como “mais ou menos” e “regular” respectivamente.

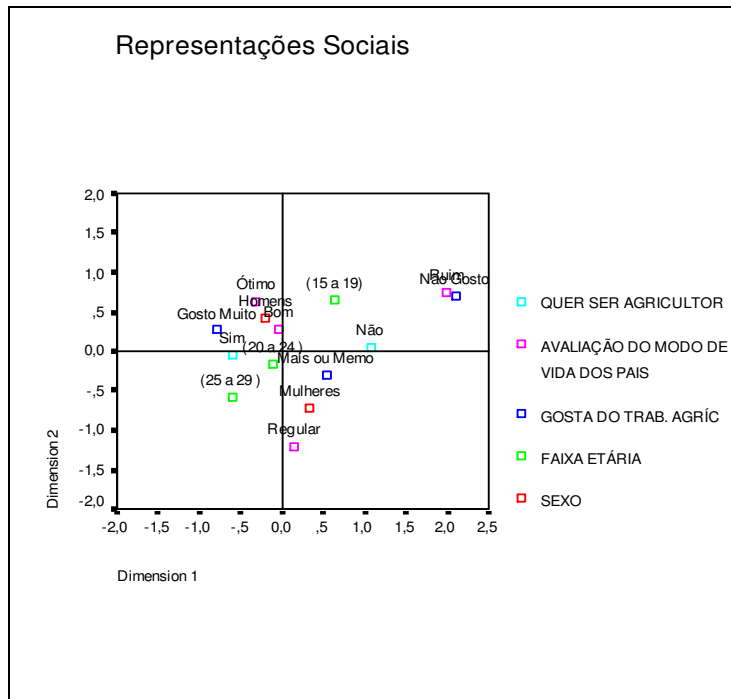


Gráfico 03: Representação das categorias de sexo, faixa etária, gosta do trabalho agrícola, avaliação do modo de vida dos pais e projetos profissionais
 Fonte: Banco de dados Jovens Agricultores Familiares RS – MDA/FAURGS, 2007.

Estes evidências confirmam os resultados anteriores que demonstram a relação entre projetos profissionais agrícolas e representações positivas sobre este trabalho e o modo de vida dos pais. Permitem demonstrar que estas representações se relacionam com as faixas de idade maiores de 20 anos e, especialmente, com os entrevistados do sexo masculino. Com isto pode-se concluir que, quanto mais positivas fossem as avaliações sobre o trabalho agrícola e o modo de vida dos pais, mais os jovens agricultores familiares desenvolveriam projetos profissionais de permanência na agricultura.

Considerações Finais

Os resultados deste estudo permitem afirmar que o projeto profissional apresenta-se como um esforço de antecipar posições desejadas quanto à profissão futura que apresentam diferenças por sexo e idades dos entrevistados. Os projetos profissionais apresentam diferenças segundo estes critérios, com projetos de permanência na agricultura mais frequentes entre os homens e mulheres jovens com mais de 20 anos de idade, enquanto as jovens adolescentes predominantemente elaboram projetos profissionais não-agrícolas.



Estes projetos indicam como os jovens lidam com os papéis que desempenham na atividade agrícola e as posições que ocupam na família e em suas estratégias de reprodução, ou seja, revelam como os jovens avaliam sua situação atual na agricultura familiar. Pode-se dizer que estes projetos são influenciados, em diferentes graus, pelas oportunidades objetivas de reprodução das unidades de produção familiar das quais os jovens entrevistados fazem parte. Contudo, a estrutura objetiva desta reprodução não se limita às formas de acesso à propriedade fundiária, mas ao acesso efetivo dos jovens aos recursos materiais que possibilitem a eles ter alguma autonomia material para tomarem suas próprias decisões e acessarem os resultados de seus esforços produtivos. Isto explica o fato dos projetos profissionais se diferenciarem mais com relação ao grau de autonomia material do jovem do que em relação à condição fundiária de sua família. Além disto, verificou-se que os processos de socialização atuam como um fator objetivo fundamental, visto que é por meio destes que se internalizam os conhecimentos, os valores e a ética própria do trabalho familiar agrícola, gerando as disposições necessárias à sua reprodução geracional. Neste sentido, a socialização no trabalho agrícola pode ser percebida como o principal instrumento de reprodução social na agricultura familiar, porque produz uma nova geração de agricultores familiares.

Por fim, podemos concluir que as representações dos jovens sobre o trabalho agrícola e o modo de vida dos pais revelam-se coerentes com seus projetos profissionais. A interação entre estas representações permitem-nos compreender melhor as dinâmicas desta reprodução geracional do trabalho familiar que depende da reafirmação não só de uma posição no mundo social, mas também de sua visão de mundo correspondente. Com efeito, pode-se concluir que os projetos profissionais dos jovens agricultores derivam da própria situação juvenil na agricultura familiar, com suas diferenciações sexuais e etárias, o que está presente na estrutura das práticas do trabalho e na incorporação das disposições necessárias a sua reprodução. Com base nisto, explicam-se a tendência das jovens adolescentes de não quererem permanecer nesta atividade.

Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, Ricardo et al. **Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios**. Brasília: Unesco, 1998. 101 p.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de Sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1973.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, Porto Alegre: Zouk: 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRUMER, Anita. **A reprodução geracional na unidade de produção familiar na agricultura: uma abordagem conceitual**. In: Congresso Brasileiro de Sociologia, 11, Campinas, set. 2003.

CARNEIRO, MARIA JOSÉ. O Ideal Rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, Francisco C; SANTOS, Raimundo; COSTA, Flavio de C., (org) **Mundo Rural e Política**: ensaios interdisciplinares. Rio de Janeiro: Campus, 1999. p. 97-117.

CARVALHO, Helena. **Análise multivariada de dados qualitativos**: utilização da HOMALS com SPSS. Lisboa: Sílabo, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, Brasília: UNESCO, 2003.

LALANDE, ANDRÉ. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAMARCHE, Hugues (coord). **A agricultura familiar**: comparação internacional – do mito à realidade. Campinas: Unicamp, 1998. v. 2.

MOLLO-BOUVIER, Suzanne. Transformação dos modos de socialização das crianças: uma abordagem sociológica. **Educ. Soc.**, maio-ago., v. 26, n. 91, p.391-403. São Paulo, 2005.

VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

WEISHEIMER, Nilson. Jovens Agricultores Familiares no Rio Grande do Sul: **Relatório técnico de caracterização dos jovens na agricultura familiar no Rio Grande do Sul**. (Convênio MDA/FAURGS N. 109 /2006). Porto Alegre: IFCH/UFRGS/FAURGS 2007.

WESHEIMER, Nilson. **A Situação Juvenil na Agricultura Familiar**. Tese. (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.